



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Representações de gênero na Guarda Municipal de São Gonçalo

Fernando Carlos de Sousa

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da

Universidade Federal Fluminense

Bolsista da CAPES

fernandodesousaa@gmail.com

Introdução

No presente trabalho tomei como objeto de reflexão algumas questões relativas ao trabalho de campo que venho realizando, desde março de 2010, junto a Guardas Municipais da cidade de São Gonçalo¹, localizada na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, empreendimento que, inicialmente, consistia em compreender e analisar as formas de classificação e as práticas que envolvia o atendimento e registro das ocorrências pelos guardas municipais.

A delimitação do espaço empírico da pesquisa foi sendo demarcado a partir da realização de grupos focais e entrevistas semi-estruturadas, ocasiões em que tive a possibilidade de estabelecer os contatos iniciais com os guardas, bem como de ouvir e observar o cotidiano da Guarda Municipal de São Gonçalo. O emprego dessas diferentes técnicas de pesquisa tem evidenciado situações que são descritas pelos Guardas Municipais como momentos de “terapia” ou de “desabafo”, pois são horas que eles podem falar sobre o dia-a-dia de trabalho na instituição. Tão importante para a construção da minha experiência de pesquisa tem sido as conversas informais, os intervalos entre uma atividade de pesquisa e de trabalho dos próprios guardas que conformam a *conversa fiada* ou aquele bate papo informal.

¹ Refiro-me ao projeto de pesquisa intitulado: “Desenvolvimento e análise de banco de dados com os registros relativos aos atendimentos realizados pelas Guardas Municipais de São Gonçalo e de Rio Bonito”. O projeto foi contemplado no Edital de Auxílio à pesquisa (APQ 1 – FAPERJ/2009), coordenado pela Prof^a Ana Paula Mendes de Miranda. Foram realizados grupos focais e entrevistas com guardas municipais de ambas as instituições, no entanto como indicado no título do trabalho minha exposição será voltada para a Guarda Municipal do município de São Gonçalo (Miranda, 2011).



Essas experiências de pesquisa são investidas de significados e transformam-se, por vezes, em objetos de reflexão. Uma das experiências que vivi na Guarda Municipal de São Gonçalo é especialmente interessante para mim sob essa perspectiva. Visando iniciar as atividades de pesquisa marquei a primeira entrevista com o comandante da Guarda Municipal de São Gonçalo para que eu pudesse apresentar o meu interesse de pesquisa pela instituição. A entrevista² foi realizada no início do mês de maio de 2010 e significou a minha entrada no campo. O contato para agendar a entrevista e para explicar os objetivos do projeto de pesquisa foi feito diretamente pelo telefone dias antes com o comandante. A entrevista durou aproximadamente uma hora e ocorreu na sala de trabalho do entrevistado, localizada na sede da Guarda Municipal.

Assim que cheguei ao local da sede, identifiquei-me como aluno da UFF e informei aos guardas municipais que estavam na recepção do prédio da instituição que havia marcado uma reunião com o comandante da Guarda. Após a apresentação pessoal fui convidado pelo comandante a subir para sua sala para que pudéssemos ficar mais “à vontade”. Terminada a entrevista, o comandante fez questão de apresentar o espaço físico que abriga a sede da Guarda Municipal. Logo, o comandante se portava como costumamos fazer quando apresentamos nossa casa a alguém que recebemos pela primeira vez. Seguindo na frente, a apresentação de alguns setores era acompanhada pelo conhecido “não repara não”. Assim, meu olhar era direcionado aos pontos que deveriam ser reparados, procurava chamar atenção para fato de que as coisas “fora do lugar” faziam parte do trabalho cotidiano. Ao falar da recepção da sua sala o comandante destaca que a mesa era de uma das suas secretárias, chama atenção de como a mesa dela diferenciava da sua por conta da organização, além de ser visível a presença de alguns enfeites, como uma miniatura de um barco e a foto da família. Enfim, o comandante me mostrava espaços investidos de sentido e significados.

O local que abriga a sede da Guarda Municipal de São Gonçalo fica num prédio de três andares, o que anteriormente foi identificado por mim de recepção é o lugar onde se encontram os chefes do plantão e por onde os supervisores dos postos fixos, do

²A entrevista com o comandante foi realizada tomando por base um roteiro pré-estruturado com questões sobre o cotidiano da Guarda Municipal, assim como o processo de registro e o uso das informações por parte da instituição. Cabe ressaltar que esta entrevista foi muito importante, pois possibilitou minha aproximação com o comandante e com guardas municipais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

trânsito e da ronda escolar passam para receber as instruções antes de ir para o serviço de rua. Logo de frente para as escadas fica localizada uma sala que funciona como recepção, onde está a mesa da secretária do comandante, que antecede o acesso ao escritório do comando da Guarda Municipal, e também é possível ver uma pequena sala, onde fica o cafezinho e a água. Os banheiros masculino e feminino estão dispostos num pequeno corredor, onde também se encontra a superintendência operacional, a assessoria de inteligência e a superintendência administrativa. No terceiro andar ficam os dormitórios de homens e mulheres, para os horários de descanso, e a cozinha. A área externa do prédio tem um espaço que é utilizado como garagem dos veículos da instituição dos guardas municipais que trabalham no local, como área de serviços gerais e ainda, o espaço onde são improvisadas as solenidades da instituição e ocasionalmente as formaturas para o recebimento de instruções.

Enquanto caminhávamos o comandante descreveu os tipos de serviço realizados pela Guarda Municipal, tais como patrulhamento trânsito e vias públicas, segurança em eventos públicos, ronda escolar, auxílio à fiscalização de posturas, vigilância patrimonial, pintura de faixas de trânsito no asfalto e apoio às ações de outras secretarias e órgãos públicos.

Devido a uma experiência de pesquisa anterior ao meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFF), um dos primeiros aspectos que me despertou atenção nos primeiros contatos com os guardas municipais era saber como os espaços da Guarda Municipal eram demarcados por homens e mulheres. Enquanto o comandante descrevia os espaços de atuação e as atribuições da Guarda Municipal, procurava perceber as atribuições e a forma como homens e mulheres se organizam para colocar em prática os serviços do cotidiano da Guarda Municipal.

Enquanto me conduzia pelos andares da sede da Guarda Municipal, o comandante discorria sobre os problemas visíveis do local e, em alguma medida, previsíveis - como a falta de manutenção do prédio e dos veículos, armários e arquivos desgastados pelo uso, mas também se preocupava em apresentar os guardas municipais que o cumprimentavam durante a nossa passagem, ou mesmo os que nem estavam lá naquele momento, mas que eram representados pela apresentação dos espaços de cada setor, relatava histórias que considerava importantes para nós e para eles mesmos. Foi assim que fiquei sabendo, ao entrar na cozinha, da organização diária em torno da



preparação de refeições e também conheci o estacionamento onde improvisadamente fica a oficina³, local onde pode ser encontrado o guarda municipal conhecido como “Bombril⁴”, que naquele momento teria saído para resolver algum “pepino”. Segundo o comandante, na falta de um funcionário destinado especificamente para execução de serviços gerais de manutenção, é o GM Mota (“Bombril”) quem executa a troca de lâmpadas, canos, bem como pequenos serviços de reparo na estrutura do prédio e dos veículos. Em certa medida, o comandante falava com orgulho que os problemas da instituição eram minimizados por conta do empenho de funcionários que se colocavam à disposição para suprir a falta de pessoal e até mesmo de recursos por parte da instituição.

Assim, hoje é possível afirmar que naquele primeiro contato com o comandante da GM foi se delimitando o meu interesse em pensar como as representações de gênero produzem significados que acabam por demarcar os papéis atribuídos aos homens e mulheres na organização das atividades cotidianas. A partir daí passei a frequentar a instituição semanalmente com o objetivo de analisar como homens e mulheres atuam nos setores operacional e administrativo da Guarda Municipal da cidade de São Gonçalo.

Neste trabalho pretendo apresentar as primeiras reflexões sobre a etnografia que está sendo realizada de modo a explorar aspectos que orientam as práticas de organização das atividades da Guarda Municipal. Outra questão a ser destacada é de como as categorias que orientam os modos de pensar e agir do “efetivo” masculino e feminino muitas vezes são caracterizadas pela criação de estilos próprios, inscritos e visualizáveis na estética, no modo de vestir, de falar e se portar diante dos outros, principalmente, com respeito a manipulação e uso das indumentárias e acessórios, tais como, a farda, as algemas, os cassetetes, comprados com o próprio salário, e, até mesmo, os armamentos chamados de “não letais”. Tais modos de conduta além de refletirem como são exercidos os comandos e a organização interna da instituição,

³ Voltarei a falar sobre o espaço da oficina ao longo do texto.

⁴ Bombril é uma empresa que produz palha de aço para lavar louças. Uma das características mais destacadas nos programas de publicidade da marca é que o produto tem 1001 utilidades. Assim, o apelido do guarda municipal é uma referência ao comercial do produto, pois ele seria o guarda que “faz tudo”, o guarda que tem 1001 utilidades na instituição.



ilustram como as representações de gênero incidem na exibição e negociação dos papéis sociais dos guardas municipais.

Da cozinha para a oficina: o saber-fazer⁵ de mulheres e homens na Guarda Municipal de São Gonçalo

O que logo chamou minha atenção quando percorri o prédio da sede da Guarda Municipal com o comandante foi a área da cozinha⁶, espaço que tradicionalmente exige o investimento das mulheres na criação e arrumação para que o local tenha condições de uso. Tive algumas oportunidades de acompanhar como é feita a organização para o preparo do almoço, que é preparado todos os dias por uma mulher, que trabalha como faxineira na Guarda. No entanto, não é incomum que as guardas municipais lhe ajudem no preparo da comida, como é o caso de situações em que a própria guarda, “braço direito”⁷ do comandante, ajuda no preparo das refeições ou até mesmo dias em que ela assume o *comando* da cozinha.

Basicamente, a organização do almoço obedece a mais ou menos três situações: uma em que a secretária do comandante “supervisiona” o preparo do almoço, isso acontece praticamente em todos os dias considerados como parte da rotina, pois ela não fica diretamente responsável pelo preparo da comida, em alguns momentos a secretária do comandante apenas se desloca da sua sala para verificar se está tudo certo com o preparo do almoço, se é preciso comprar alguma coisa ou qualquer outro tipo de ajuda. Outra situação diz respeito aos dias em que é preciso ficar no *comando* da cozinha. Neste caso, geralmente na parte da manhã, a secretária do comandante organiza suas

⁵ Ao analisar a formação de trabalhadores em escolas profissionalizantes Simoni Lahud Guedes (1997) considera a importância do *saber prático* para a construção social do conhecimento do trabalhador, podendo ser visível, inclusive, uma hierarquia entre os mais velhos e os mais jovens, independentemente da formação, pois os primeiros tendo mais experiência sobre as práticas da instituição em que atuam têm um “saber” acumulado que pode ser transmitido para os segundos. A autora supracitada trabalha com a relação entre “saber” e “poder”, na qual o “saber” é reconhecido com uma forma de “poder” daqueles que detêm o conhecimento das lógicas internas de uma instituição, por exemplo.

⁶ Certamente a atuação da colega de pesquisa Joelma de Souza Azevedo têm me ajudado a tomar conhecimento das situações, histórias e conversas que ocorrem nas interações ocorridas no contexto etnográfico da cozinha. Sem as suas contribuições meu relato ficaria ainda mais incompleto, não é raro as vezes que lhe peço para perguntar alguma coisa para as guardas municipais, pois trata-se de assuntos que não podem ser abordados por mim.

⁷ Me refiro a guarda municipal Edma, ela aparecerá em outras situações ao longo do texto. Optei por utilizar os nomes reais dos guardas com os quais conversei informalmente.



atividades tendo em vista que, por volta das dez horas da manhã, é preciso começar a preparar o almoço. Assim, logo pela primeira hora da manhã ela *despacha* os documentos do dia com o comandante e quando é o caso encaminha alguns ofícios e *despacha* o que “têm que ser despachado”.

Geralmente o uso da cozinha da Guarda Municipal é franqueada para a utilização de homens nos dias em que acontece alguma solenidade ou em datas comemorativas da instituição⁸. Sexta-feira é outro dia em que é preparado um prato mais elaborado, um cardápio mais reforçado. Ocasionalmente, nessas ocasiões, o prato do dia fica por conta de De Matos, policial que trabalha na assessoria de inteligência da Guarda Municipal. A exigência para esses dias especiais é de que o cardápio seja especial, dias em que é bom que a comida esteja caprichada, dias em que é permitido o preparo da caipirinha para acompanhar o prato reforçado do dia, até porque, como foi recomendado, “é bom dar uma boa forrada na barrida” para chegar a noite com disposição para beber aquela cervejinha e, claro, também para estar preparado para o fim de semana que se aproxima. Da mesma maneira, nessas ocasiões, antes de chegar à sede da Guarda Municipal, De Matos faz questão de passar no mercado escolher e comprar, ele mesmo, os ingredientes do prato do dia.

Numa sexta-feira em que cheguei pela manhã na sede da Guarda Municipal, tive uma das mais memoráveis iniciações no local, pois foi a ocasião em que pude vivenciar de mais de perto o convívio com os guardas na sede da instituição. Num tom desconfiado, a Edma me convidou para participar da “vaquinha” do almoço, falou num tom em certa medida cuidadoso parecendo não acreditar que eu pudesse compartilhar uma refeição preparada por eles. Era um convite para partilhar uma dobradinha⁹ que estava sendo preparada, o que para os guardas municipais era um momento especial, proporcionado pelo amanhecer de mais uma sexta-feira, mas que para mim representou,

⁸ Tive a oportunidade de acompanhar eventos em que o comando da Guarda Municipal homenageia os guardas que se destacaram no exercício de suas funções. Neste trabalho, esses eventos não serão tomados como objeto de análise, mas tenho observado que os critérios que definem quais guardas serão homenageados, bem como os critérios que definem a data para que esse tipo de homenagem ocorra é estabelecido de acordo com a vontade do comandante da instituição. Contudo, o dia 30 de julho é uma data em torno do qual é mobilizado esforços por parte do comandante e dos guardas municipais para que a festividade ocorra na data “correta”, pois trata-se do dia de aniversário de fundação da Guarda Municipal de São Gonçalo.

⁹ Trata-se de um prato típico da culinária popular preparado basicamente com os seguintes ingredientes: bucho bovino, linguiça, bacon, feijão branco, cebola, alho, pimenta, salsinha etc.



de certo modo, um momento de aceitação pelo grupo. Acabei não acompanhando o preparo do almoço, embora fosse permitido. Digo que era permitido acompanhar o preparo do almoço por se tratar de um momento especial e que nesse caso mesmo sendo homem seria permitido frequentar a cozinha. No entanto, naquele dia eu acompanhava a rotina de trabalho de um guarda que não estava inserido no processo de preparação do almoço.

Assim que a comida ficou pronta, Edma me avisou que eu poderia almoçar e como habitualmente acontece nesses dias a cozinha estava franqueada para a utilização de De Matos, mas a partir da postura corporal de Edma foi possível observar como o espaço da cozinha é demarcado como um espaço de controle estritamente feminino. Situada ao lado de De Matos é Edma quem recebe as pessoas que vão chegando, ela quem indica quais os talheres e pratos que devem ser utilizados, onde está a concha para pegar a dobradinha, a colher do arroz e o copo para o refrigerante. Da mesma maneira, demonstra preocupação com a quantidade de comida servida para cada uma das pessoas, o que indica que a quantidade de comida servida no prato representa, ou não, a possibilidade de uma repetição. É comum a repetição ritual de gestos e olhares, bem como de comentários elogiosos com relação ao sabor da comida, pelas pessoas servidas, que se referem a incontestada habilidade culinária de De Matos, o que não exclui o reconhecimento com relação a participação de Edma.

Durante a hora do almoço foi possível observar conversas sobre diferentes assuntos da Guarda Municipal. Este é um momento de descontração e de brincadeiras jocosas, mas que também demarca questões relativas a organização cotidiana da Guarda Municipal. Em meio a diferentes assuntos, numa dessas ocasiões um policial estava exercendo o comando da guarda por conta das férias do comandante “titular”, e ele perguntou num tom sorrateiro se o “cu-zido¹⁰” da Maria estava bom. Embora ela tenha advertido o comandante em exercício por causa da *palhaçada*, a guarda demonstrou que aquela brincadeira não deveria ser feita mais por causa da minha presença, do que pelo sentimento de que se tratava de um ato de desconsideração ou de desrespeito com ela. A situação ilustra que esse tipo de situação é aceitável de acordo com contextos

¹⁰ A brincadeira toma como referência um outro prato típico da culinária popular conhecido como cozido, que costuma ser preparado com lombo de porco, paio, linguiça, bacon, legumes, verduras e temperos como pimenta do reino, alho, louro, cheiro verde, cominho etc.



específicos, naquele momento Maria considerou que se tratava de uma piada sem *graça*, *uma gracinha*, formas de classificação nativas que definem esse tipo de situação como uma *bobeira e/ou bobeirinha*.

O momento do almoço também é visto como um momento em que são atualizadas informações importantes sobre as escalas de serviço, o dia da folga, tarefas que devem ser realizadas com urgência, a distribuição de pessoal e os problemas ocorridos nos postos de serviço, dentre tantos outros assuntos que dizem respeito a instituição. Numa dessas ocasiões que tomei conhecimento do “esquema” especial que estava sendo preparado para a atuação da Guarda Municipal durante o carnaval. Nesta ocasião um dos principais temas do almoço era a preparação e montagem de cavaletes¹¹ que estava sendo realizado na “oficina”. Além disso, observei que a negociação em torno das escalas de serviço também era alvo de grande atenção por todos que partilhavam o almoço.

Foi no contexto de um almoço que a guarda Maria me apresentou ao seu colega Velasco, guarda lotado na superintendência operacional e que tem a atribuição de organizar a escala do contingente no setor operacional. No mesmo momento que a guarda convida Velasco para almoçar, ele aproveita para *desabafar*¹², conforme suas palavras. Isso porque Velasco estaria chegando do médico com a constatação de que estava com problemas no coração, além de outros problemas de saúde. Em seguida o guarda reclamou que o carnaval estava lhe deixando ainda mais doente, isso porque, segundo ele, nos últimos meses muitos guardas teriam deixado a instituição devido a aprovação em concursos públicos¹³, indicando que a instituição é vista por muitos como um local de passagem. Contudo, ele estaria sendo cobrado a dar conta de todas as demandas feitas pelo comandante sem este considerasse o baixo efetivo à sua

¹¹ Os guardas municipais chamam de cavaletes uma armação feita com pedaços de madeira, trata-se de uma armação utilizada para indicar que o trânsito de veículos está impedido numa determinada rua ou via. Assim que desci para a oficina fiquei sabendo que o material para a confecção dos cavaletes teria sido doado por iniciativa de um ex-comandante da Guarda Municipal atualmente em serviço no 12º Batalhão da Polícia Militar de Niterói.

¹² *Desabafar* que no sentido apresentado pelo guarda pode significar como um relato confidencial a alguém de sua confiança.

¹³ Segundo Velasco a Guarda Municipal de São Gonçalo conta com um contingente total de 288 Guardas Municipais, deste total 37 seriam mulheres. Relatou também onde essas guardas estão lotadas: 1 mulher atua no trânsito; 5 no setor administrativo; 4 mulheres na Secretaria Municipal de Segurança; 3 guardas na ronda escolar, 20 mulheres nos postos fixos e outras 4 mulheres se encontram cedidas para outros órgãos.



disposição. Tendo percebido que Velasco também direcionava sua fala ou pelo menos o olhar para mim, aproveitei para perguntar como era organizada a distribuição das mulheres no dia-a-dia e nesses eventos públicos.

Segundo Velasco a *mulher é vista como quase do mesmo sexo*, mas em seguida ponderou ao relatar de que no dia-a-dia as mulheres demandam ficar lotadas nos postos de serviço fixo¹⁴. Ele estaria sempre disposto a atender esse tipo de pedido tendo em vista que o posto de serviço fixo costuma demandar tarefas menos perigosas, pois de maneira geral o posto de serviço fixo é *mais tranquilo*. De acordo com sua percepção sobre o que é um posto tranquilo o trabalho dos postos fixos está em plena oposição com o a rotina do trânsito. Isso porque, geralmente o trabalho no posto fixo é mais ou menos como um trabalho de assistente social, nesse caso o guarda municipal tem que ter mais sensibilidade, mais capacidade de escuta, ter paciência em dar informações para as pessoas, ajudar uma criança ou uma *pessoa de idade* atravessar a rua. Em oposição, descreveu como a rotina do trânsito era *mais pesada, mais dura*, sendo exigido o emprego de mais força física por causa da exposição ao sol ou a chuva ou conforme me foi questionado: *o que fazer com a mulher que está naqueles dias?* Com relação aos eventos públicos – como é o caso do carnaval – ressaltou que a mulher nunca fica numa escala que não conte com um guarda homem.

Esta forma de distribuir o serviço em função das representações sobre os sexos remete ao estudo realizado por Simoni Lahud Guedes (1997, p. 140), que apresenta elementos interessantes sobre a construção social de trabalhadores, que podem se relacionar com o que tenho observado na minha pesquisa, pois como a autora destaca as demarcações espaço-temporais fazem parte de processos que realizam não apenas a distinção entre o ser masculino e o ser feminino, mas que também opera distinções entre os homens.

Conforme já foi dito, a oficina é o local onde os cavaletes estavam sendo preparados. Um guarda para o qual eu não fui apresentado, e que também não consegui identificar, trabalhava cortando a madeira, pregando suas partes e pintando num processo que se repetia a cada peça. Enquanto eu e o GM Sabino observávamos o trabalho de preparação, Sabino comentava comigo que o guarda também costuma fazer

¹⁴ É denominado como posto fixo os postos de saúde, hospitais, a sede da Prefeitura Municipal, escolas e prédios de órgãos públicos em geral.



alguns *bicos* como carpinteiro. Sabino comentou que se tratava de uma formação profissional adquirida pelo guarda no período anterior ao seu ingresso na instituição. Tendo em vista que não é raro a instituição precisar desse tipo de trabalho, geralmente, aquele guarda *quebra o galho* da instituição, em troca ele conseguia folgas que possibilitam *pegar um trabalho extra ou bico* que possibilita complementar a renda.

O termo *bico* se refere a trabalhos extras realizados pelos Guardas Municipais de São Gonçalo nos momentos de folga. Tem chamado a minha atenção que os tipos de *bico* realizados pelos guardas tem ligação com profissões exercidas no período anterior ao ingresso na instituição. É o caso do guarda e “ex-mecânico” Mota que, praticamente, se tornou o responsável pela manutenção dos veículos da Guarda Municipal, bem como de serviços de manutenção do prédio da instituição. Em conversas com o Mota ele declarou que de vez em quando pega uns *serviços extras como mecânico*.

Sob este ponto de vista é possível observar que os espaços da guarda municipal demarcam o que significa ser homem ou mulher. Delimitações possíveis de serem visualizadas por meio da explicitação de comportamentos que são considerados na organização das atividades e na atribuição de cargos e tarefas. Ou seja, dimensões da vida social que estão inseridas nas representações sobre o que é ser masculino ou feminino.

Tratam-se de espaços físicos marcados por representações que delimitam as relações entre os homens e mulheres que compõem o efetivo da Guarda Municipal e, enquanto tal, incidem sobre os modos de agir e pensar que operam a construção dessas interações. Nesse sentido, a maneira pela qual as relações entre homens e mulheres são construídas não é uma realização local ou uma especificidade da Guarda Municipal, embora assumam significados específicos porque, estando localizado em práticas institucionais mantêm, por um lado, relações estreitas com a lógica que orienta a organização das atividades internas, por outro, são produzidos valores que presidem a localização institucional dos guardas municipais no espaço público.

Considerações finais

Durante a etnografia realizada no espaço da sede da Guarda Municipal, uma das formas mais específicas de delimitação das relações as entre guardas mulheres se dá,



justamente, no espaço da cozinha. Tem sido possível observar o grupo de três a cinco mulheres que se organizam para preparar o almoço. Mesmo nos dias que a faxineira prepara o almoço, é Edma quem recolhe o dinheiro para a “vaquinha” dos ingredientes. Com a ajuda da guarda Maria, elas pensam a quantidade de mantimento que deve ser comprada para atender o número das pessoas que consta da lista do almoço, discutem quanto é possível gastar com cada ingrediente, numa lógica que poderíamos chamar de uma economia doméstica, mas que não segue nenhum conjunto de técnicas ou procedimentos para administrar o cotidiano, de modo que fica claro que as guardas se baseiam em conhecimentos prévios, que podem ser relacionados a condição de “donas de casa”. Diariamente são as duas que se organizam em torno da montagem de mais uma lista de almoço, tudo bem que isto parece ser feito de maneira automática, mas na prática o assunto é tematizado. Logo pela manhã a conversam para saber quem vai querer almoçar na sede. Durante o almoço não é diferente tudo é pensado, a quantidade de comida que deve ser colocada no prato, quem já almoçou, quantas pessoas ainda não almoçaram. Como Lahud (1997) destaca:

O principal modo de aprender estas idéias-valores é, portanto, simplesmente partilhar os espaços sociais em que se realizam. Não há, sob esse ponto de vista, uma pedagogia, mas vivências da prática que encadeiam dentro de posições sociais admitidas, onde cada lugar está referido aos outros lugares e aprender o seu lugar, em cada momento, é aprender também aqueles que lhe são recíprocos.

Por vezes, o lugar comum do discurso que marca o debate sobre a precarização das condições de trabalho na Guarda Municipal dá lugar a regras estabelecidas entre os Guardas Municipais e com o comando da instituição. Formas de lidar com a precariedade que acabam refletindo a criatividade, a adoção de estratégias para driblar as punições mais severas, a possibilidade de tirar uma folga num dia que não estava previsto, permitindo que seja feito um *bico* ou um trabalho extra. É o caso, por exemplo, do Guarda Municipal que realiza o trabalho de preparação do material que será usado durante o carnaval, o mesmo reconhece que é preciso os guardas se *virar* ou dar um *jeitinho* para que o trabalho durante o evento fique mais organizado e tranquilo.



Conforme o próprio guarda indagou: “como é que nós vamos organizar o trânsito nas ruas se a gente não tiver como sinalizar o fechamento de uma rua”.

Por outro lado, o *bico* está inscrito no que na concepção sobre o que seria homem e trabalhador Guedes (1997), no qual predomina a representação de que o papel do homem se dá em termos econômicos como portador e provedor da família. Desta maneira, ainda de acordo com Guedes (1997), a renda feminina é vista como ajuda, o que favorece a reprodução do modelo de família conjugal nuclear, no qual o homem desempenha o papel de “pai provedor”, dominando o espaço da rua, lugar do trabalho e também de negociação da identidade masculina. A mulher, a “mãe dona-de-casa”, é aquela que deve possuir o domínio do espaço da casa (espaço marcado pela hospitalidade, pelo “carinho” e pelo “amor”, universo da proteção), distante do universo da rua e do trabalho (universo identificado às virtudes “naturais” do homem, como a bravura, aptidão para o risco e do exercício da força física) do fazer efetivamente, mas a mulher está inserida num outro tipo de fazer, isto é, o trabalho doméstico, fundamental para a produção e reprodução do homem/trabalhador/provedor.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. Os ritos de instituição. *A Economia da Trocas Lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996: 97-106.

CHARTIER, Roger. *História Cultural entre Práticas e Representações*. Trad. portuguesa. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/Lisboa: DIFEL, 1990.

GUEDES, Simoni Lahud. *Jogo de Corpo: um Estudo de Construção Social de Trabalhadores*. Niterói/RJ: EDUFF, 1997.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de. Relatório final do Projeto *Desenvolvimento e análise de banco de dados com os registros relativos aos atendimentos realizados pelas Guardas Municipais de São Gonçalo e de Rio Bonito*, Edital Auxílio à Pesquisa - APQ 1 - FAPERJ (2009-2010), 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINESE; Instituto de Ciências Humanas e Filosofia; Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas. **Plano Municipal da prevenção da violência e manutenção da ordem pública do município de São Gonçalo**. Niterói, RJ: UFF, 2008. 184 p.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina